



# WE CAN DO IT!: O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL

DISCURSIVE FUNCTIONING OF MEMES  
IN THE DIGITAL SPACE

Andriele de Chaves Bortolin<sup>1</sup>

Célia Bassuma Fernandes<sup>2</sup>

*Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar o funcionamento da memória no espaço digital a partir da formulação-origem *We can do it!*, que de tanto se repetir adquiriu o estatuto de meme. Para tanto, recortamos um corpus analítico composto por três memes que significaram/significam a formulação-origem *We can do it!*, produzindo efeitos de sentidos sobre a mulher. Efeitos de sentidos esses, que provocam o humor e a ironia, por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos do discurso, no avizinhamento entre memória discursiva e memória metálica, e que encaminham para a resistência aos discursos machistas. Respaldamo-nos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, tal como proposta por Pêcheux (2014), especificamente no que tange a memória discursiva, Courtine (2009), Orlandi (2015) e Indursky (2011) e a memória metálica com os postulados de Orlandi (2006) e Dias (2016). Também, compreendemos a tensão entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2015), conceitos caros à teoria materialista do Discurso, bem como o funcionamento discursivo dos memes no espaço digital, textos compostos por diferentes materialidades significantes (LAGAZZY, 2009; 2011).

Palavras-Chave: *Discurso; Espaço digital; Memes.*

<sup>1</sup> andrieledechaves@gmail.com.

<sup>2</sup> bacelfer@hotmail.com.

---

**Abstract:** *The present article aims to investigate memory functioning in the digital space departing from the original formulation We can do it! , which acquired the status of meme due to its repetition. To do so, we selected an analytical corpus composed of three memes that signified/signify the We can do it! formulation, producing sensory effects on the woman. Effects that provoke humor and irony, through the paraphrastic and polysemic processes of discourse, in the convergence between discursive memory and metallic memory, and which lead to resistance to machist discourses. We seek theoretical support in French Discourse Analysis, as proposed by Pêcheux (2014), in scholars like Courtine (2009), Orlandi (2015) and Indursky (2011), regarding discursive memory, and Orlandi (2006) and Dias (2016), when it comes to mettalic memory. Also, we understand the tension between paraphrase and polysemy, (ORLANDI, 2015), concepts dear to the materialist theory of the Discourse, as well as the discursive functioning of the memes in the digital space, texts composed by different significant materialities (LAGAZZY, 2009; 2011).*

Keywords: *Discourse; Digital space; Memes.*

## INTRODUÇÃO

Discursos polêmicos são recorrentes nas mídias digitais, que funcionam como lugares onde os dizeres circulam e são repetidos, estabilizando já-ditos, rompendo com sentidos já sedimentados no imaginário ou simplesmente apagando-os. Os *memes* constituem um tipo de enunciado “mais ou menos estabilizado” (PÊCHEUX, 2014), que tem sido amplamente replicado no espaço digital, por meio da memória discursiva e da memória metálica.

O espaço digital é um fenômeno fundamentalmente urbano (ORLANDI, 2010, p. 14), e pensamos que funciona como um sítio de significação que convoca gestos de interpretação específicos. Como em outros espaços de produção de sentidos, nele, os discursos se materializam por meio de uma vasta gama de textos, compreendidos não como unidades fechadas, mas como “peças” de linguagem dotadas de significação (ORLANDI, 2001, p. 65), que circulam nas telas dos *smartphones*, computadores ou *tablets*, em *sites* de buscas e pesquisas, como o *Google* ou nas redes de relacionamentos pessoais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr*, entre outros.

Essas plataformas constituem o lugar em que discursos se materializam, atestando o movimento da língua na história, convocando o sujeito a se posicionar diante daquilo que lhe é dado a ver/ler. Por esse viés, podemos dizer que os *memes* constituem um tipo de texto que compõem a “narratividade do espaço digital<sup>3</sup>”.

---

<sup>3</sup> Aproximamo-nos aqui, do conceito de “narratividade urbana”, proposto por Orlandi (2004, p. 31) e que diz respeito ao modo de o sujeito se significar no espaço urbano. Para nós, a “narratividade digital” se refere à forma como o sujeito se significa nesse espaço de produção de sentidos.

---

Esse espaço de produção e circulação de sentidos dá bastante visibilidade a vários movimentos recorrentes hoje na sociedade, em especial, ao movimento feminista, já que convoca um número considerável de mulheres a lutar pelos seus direitos perante uma sociedade que as marginaliza. Páginas do *Facebook* intituladas “Empodere duas mulheres”, “Feminismo sem demagogia”, “Não me Kahlo”, “Feminismo Revolucionário” dentre outras, contam com inúmeros seguidores que constantemente compartilham postagens sobre o papel da mulher na sociedade, defendendo a igualdade de gênero.

Amparados nessas reflexões, procuraremos, neste artigo, compreender como se dá o funcionamento da memória, no espaço digital, a partir da formulação-origem<sup>4</sup> *We can do it!*, que, de tanto se repetir, adquiriu o estatuto de *meme*. Para tanto, a questão de pesquisa que no move, então, é: Como a memória metálica se imbrica com a memória discursiva, no processo de produção/circulação dos *memes*, no espaço digital?

Assim sendo, sustentaremos nossas análises nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, pautados nos conceitos de memória discursiva propostos por Courtine (2009), Orlandi (2015), e Indursky (2011) e memória metálica, postulados por Orlandi (2006) e Dias (2016). Também, compreendemos a tensão entre paráfrase e polissemia, Orlandi (2015), como um dos principais movimentos existentes no discurso, principalmente no discurso “memético”,<sup>5</sup> pertencente ao espaço digital. Nos atentamos, também, para o funcionamento discursivo dos *memes*, com Carrozza e Santos (2012), Coelho (2014) e Costa Moura (2014), os considerando como textos compostos por diferentes materialidades significantes, Lagazzi (2009; 2011).

## 1 O IMBRICAMENTO ENTRE MEMÓRIA DISCURSIVA E MEMÓRIA METÁLICA, NO ESPAÇO DIGITAL

O espaço urbano é um espaço material concreto e que necessita de gestos de interpretação: é um “espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e significantes”. (ORLANDI, 2004, p. 32). É no espaço urbano que os sujeitos se significam e significam o mundo por meio de discursos.

---

<sup>4</sup> Metodologicamente, neste trabalho, a formulação verbal *We can do it!* será tomada como uma “formulação-origem” (Courtine, 2009), a partir da qual, outras derivam.

<sup>5</sup> A “memética” é uma teoria proposta por Richard Dawkins, no ano de 1976, no livro “O Gene Egoísta”, melhor explicitada no item 2, deste artigo.

---

Por essa perspectiva, o espaço digital faz parte da ordem da cidade e constitui um espaço de produção de sentidos. Nele, os dizeres circulam e significam nas telas dos *smartphones*, computadores ou *tablets*, em *sites* de buscas e pesquisas, como o *Google* ou nas redes de relacionamentos pessoais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr*, entre outros.

Trata-se de uma cultura tecnológica pautada na rapidez e na efemeridade dos acontecimentos vividos, já que os fatos ocorrem e, rapidamente, são postados, compartilhados, tornando possível acessar informações sobre tudo e sobre todos em tempo real, ver anúncios publicitários, participar de comunidades e jogos e interagir com outros sujeitos.

Sendo assim, o espaço digital não é um lugar no qual se estabelecem apenas relações interpessoais, mas um novo espaço de circulação de discursos. Conforme Dias (2011a), somos todos sujeitos afetados pelo tecnológico, não apenas pensando nos objetos a que temos acesso, mas também “no processo histórico e ideológico da sociedade contemporânea” (DIAS, 2011a, p. 271). Isso significa que não apenas os celulares e computadores, televisão e rádio abarcam o tecnológico, mas também os efeitos de sentidos que eles produzem sobre os modos de vida dos sujeitos.

As redes sociais constituem, então, um espaço em que os sujeitos se identificam/desidentificam/contraintificam com certos dizeres, por meio de “curtidas”, comentários ou até mesmo do compartilhamento de *posts*, como ocorre no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, por exemplo. Isso significa que a cidade é transportada para uma “cidade virtual”, que comporta diferentes “tribos urbanas”, entendidas por Dias (2008) como grupos de sujeitos que se reúnem no espaço digital a partir de interesses comuns.

É por meio da memória discursiva que o sujeito seleciona o que deve e não deve ser dito. Para Indursky (2011, p. 86), “a memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e por essa razão é esburacada e lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FDs [...] é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada”.

Pelo viés da teoria materialista do discurso, a memória discursiva está relacionada “[...] à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 106), ou seja, ao produzir seu discurso, o sujeito busca já-ditos e esquecidos, inscrevendo seu dizer em uma ou mais formações discursivas, que representam, na linguagem, o conjunto de representações das quais ele (com) partilha.

---

Em outras palavras, a memória discursiva é uma memória relacionada ao social, à memória coletiva, à memória histórica. Por meio desse tipo de memória, os dizeres são atualizados no fio discursivo e, ao formular um discurso, o sujeito retoma ou “esquece” e silencia outros discursos já proferidos.

A memória discursiva historiciza, é vertical e social. Conforme Indursky (2011, p. 71), o sujeito produz seu discurso pela repetibilidade por mais que seja afetado pela ilusão de se tratar de um discurso “novo”. Se existe essa repetição é porque há a retomada e a regularização de sentidos que são constitutivos de uma memória que é social. São os discursos que circulam e que são regidos pelo caráter sócio-histórico que são retomados, repetidos e também regularizados.

Diferentemente da memória discursiva, que historiciza e é constituída pelos esquecimentos,<sup>6</sup> a memória metálica “se constitui pelo excesso, acúmulo, quantidade e não historicidade, acumula e não esquece. É a base do discurso digital e por isso é numérica” (DIAS, 2016, informação verbal (vídeo) 1’12”). Por ser uma memória numérica que soma e acumula, se diferencia da memória discursiva.

Com o avanço veloz da informatização e o grande número de sujeitos que passou a englobar, fica cada vez mais nítida a noção de efemeridade e multiplicação desenfreada dos acontecimentos existentes no espaço digital. As informações são compartilhadas em massa e os discursos atualizados sempre que um acontecimento da ordem da realidade provoca os mais diferentes efeitos de sentido. Há, ainda, os *e-mails* que, por muito tempo, foram o principal veículo de proximidade e troca de informações entre os sujeitos, mas que, atualmente, foram rapidamente “esquecidos”, tendo em vista o surgimento do *WhatsApp*, *Messenger* e *Snapchat*, que permitem contatar alguém em questão de segundos, nos mais diferentes lugares.

Em entrevista à Revista *Teias*, acerca da memória metálica, Orlandi (2006) salienta:

---

<sup>6</sup> Pêcheux (2014) faz a distinção entre duas formas de esquecimento: o esquecimento ideológico, que é o de número um, e o esquecimento enunciativo que é o de número dois. “O esquecimento de n° 2 é o esquecimento pelo qual o sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase. [...] O esquecimento de n° 1 dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento de n°1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que esse exterior determina a formação discursiva em questão.” (PÊCHEUX, 2014, p. 161-162).

---

Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai juntando-se como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade. As diferentes formas de memória acarretam diferenças no circuito constituição/formulação/circulação e também afetam a função-autor e o efeito leitor. Isto porque qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação (e, conseqüentemente, com a ideologia). (ORLANDI, 2006, p. 5)

A memória, seja ela discursiva, ou a memória metálica, possui uma relação necessária com a interpretação e, logo, com a ideologia, já que permite aos sujeitos se inscreverem em uma dada formação discursiva. Tal memória produz efeitos de sentidos sobre os sujeitos e os discursos que circulam na *rede* e são constitutivas do *e-urbano*.

Não há como negar que, no espaço digital, existe um movimento dos sentidos e dos sujeitos, mesmo que esse espaço seja caracterizado pela repetição e pela replicação. E se há esse movimento, do nosso ponto de vista, há também o funcionamento da memória discursiva, que é social e histórica. Ela produz efeitos tanto nos sujeitos que formulam e *postam* seus discursos como naqueles que curtem/compartilham ou não curtem determinado *post* ou determinada página, como ocorre nas redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, por exemplo.

A ideia de completude, advinda da memória metálica da máquina, de certa forma, limita os efeitos de sentidos que podem existir nesse espaço do dizer, ou seja, se trata somente de um discurso que acumula e armazena uma grande quantidade de dados e faz circular discursos que compactuam com sua inscrição numa determinada formação discursiva.

Do nosso ponto de vista, isso pode até ocorrer quando o sujeito se identifica com determinado assunto ou *post*, porém, quando isso não ocorre e o movimento de desidentificação e contraidentificação se fazem presentes diante dos discursos em circulação, há o deslocamento dos sentidos já estabilizados e esse movimento é feito a partir da memória discursiva.

## 2 O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL

Estudar os *memes* consiste em analisar o funcionamento desse tipo de texto que circula massivamente no espaço digital, marcado pela rapidez e



---

efemeridade. Eles quase sempre reproduzem um discurso da ordem da realidade e passam pelas nossas *timelines*, produzindo os mais variados efeitos de sentido, em especial, o humor e a ironia. Abarca também, investigar como os sentidos são aí produzidos e circulam, colaborando para reforçar já-ditos ou provocando rupturas e/ou deslocamentos.

O *meme* é um tipo de texto que não apresenta uma estrutura fixa a ser seguida e, nesse sentido, tudo aquilo que viraliza no espaço digital, como vídeos, imagens, *slogans*, *hashtags*, bordões, paródias (em áudio ou vídeo), formulações icônicas ou outras formas que possibilitam que sejam reduplicados, entre outros, constituem *memes*, de acordo com Carrozza e Santos (2012), Coelho (2014) e Costa Moura (2014). Podemos dizer, então que constitui um *meme* todo objeto simbólico, seja ele verbal ou não-verbal, que viraliza rapidamente no espaço digital.

Historicamente, a designação *meme* teria sido empregada, pela primeira vez, em 1976 pelo biólogo Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta*, no qual compara informações genéticas dos seres humanos com informações culturais, apontando que ambas têm como principal característica a replicação de informações que se proliferam entre os seres humanos.

O biólogo teria partido do pressuposto de que a replicação/imitação poderia ser associada à “mimeme” ou *mimesis*, como a concebe a filosofia grega, mais precisamente a *Poética*, de Aristóteles. Em sua obra, o filósofo explicita os elementos essenciais presentes na tragédia grega e, para isso, utiliza a imitação como uma das principais características dessa arte.

Os *memes* fazem parte de um mundo virtual e não necessariamente precisam ter comprometimento com a verdade, porém, são passíveis de verossimilhança a depender das condições de produção nas quais estão inseridos porque os sujeitos “virtuais” usufruem e participam de um mundo virtual *linkando*, muitas vezes, os acontecimentos da ordem da realidade e os textos que produzem ou compartilham nesse mundo virtual.

Dawkins partiu dos pressupostos de Aristóteles no que tange à *mimesis* para postular a imitação na sua teoria genética, sentindo a necessidade de abreviar o termo para que ele estabelecesse semelhança em extensão com a palavra gene. Decidiu então, utilizar o termo *meme* como definidor de replicação e imitação, relacionando-o com a noção de cultura e a forma como os seres humanos transmitem informações.

---

Exemplos de memes são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes *propagam-se* no "fundo" de memes *pulando* de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de *imitação*. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, por si própria, *espalhando-se* de cérebro a cérebro. [...] quando você planta um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do meme, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. (DAWKINS, 1976, p. 122, grifos nossos).

Na citação acima, destacamos algumas palavras pelas quais o autor mobiliza o conceito de cultura vinculando-a ao *meme*. São verbos que produzem os efeitos de sentido de movimento e de rapidez, já que se proliferam rapidamente, de cérebro em cérebro. No espaço digital, os *memes* funcionam de maneira semelhante aos conceitos trazidos por Dawkins (1976), pois "pulam" de tela em tela de computadores, *smartphones* ou *tablets*, convocando os sujeitos a interpretar.

A eclosão dos *memes* no espaço digital tem sido estudada nos últimos tempos, a fim de compreender como esses discursos se propagam com tanta rapidez, no espaço digital, apontando para discursos lúdicos e/ou de resistência, e produzindo efeitos de sentido de humor e de ironia. A pesquisadora Fernanda Costa Moura, psicanalista e pesquisadora de discursos que circulam na rede, publicou um artigo, em 2014, no qual tratou das manifestações políticas que aconteceram no ano anterior, no Brasil, principalmente, aquelas convocadas por meio de *hashtags*, 'perfis das redes sociais' e pelos *memes* que se multiplicaram em grande escala nesse espaço. Dessa forma, a autora define o *meme* de *internet* como:

[...] um conceito, uma ideia ou mesmo um estilo que se propaga rápida e intensivamente pela WWW, sob a forma de *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, etc, podendo se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, *blogs*, e-mails, fontes de notícias e outros serviços baseados na web, tornando-se em geral o que se costuma adjetivar como 'viral' – de onde também se extrai o verbo 'viralizar' que empregamos aqui e é muito utilizado nesse contexto para designar a propagação e, em especial, o momento de virada em que uma unidade de informação adquire a capacidade de se transmitir de forma vertiginosa (COSTA MOURA, 2014, p. 150, grifos da autora).



---

Para Carrozza e Santos (2012, p. 97-98), “os *memes* são enunciados que podem ter diferentes materialidades e que circulam repetidamente e principalmente na *internet* em diferentes contextos. Podem ser imagens, bordões, paródias (em áudio ou vídeo), formulações icônicas e outras formas que possibilitem sua reduplicação”. São textos compostos por elementos que já estão em meio à sociedade e que já circulam há um bom tempo.

A evolução da *internet* nos últimos anos e o aparecimento das redes sociais, dos fóruns de discussões, dos *blogs* e afins incentivaram a replicação e multiplicação desse tipo de texto em grande escala. São textos curtos, que produzem sentidos pelo entrecruzamento de diferentes formas materiais, conforme Orlandi (1995) ou de diferentes materialidades significantes, de acordo com Lagazzi (2009; 2011).

Conforme Orlandi (1995, p. 35), a Análise de Discurso aceita a existência de diferentes linguagens, procurando compreender a forma como elas funcionam, afinal, “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica” (ORLANDI, 1995, p. 40). Ao significar o mundo e significar-se diante dele, o sujeito se vale de formas materiais heterogêneas, isto é, de palavras, imagens, sons, entre outras.

Para ela, o que interessa não é a forma empírica, a organização do discurso, mas a sua ordem, que diz respeito a sua forma material e implica pensar na relação que se estabelece entre o sujeito que o produz/interpreta e um sistema significativo de sentidos já estabelecidos pela/na história, pois “[...] o sentido não é conteúdo, a história não é contexto e o sujeito não é origem” (ORLANDI, 2007, p. 49).

Para compreender o funcionamento de um objeto simbólico materialmente heterogêneo, Lagazzi (2009, p. 68) propõe compreender as diferentes formas materiais que o compõem, considerando as especificidades de cada uma delas, pois, de acordo com autora, “não temos materialidades que se completam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (LAGAZZI, 2009, p. 68).

O que há, segundo a autora, no processo de formulação dos sentidos, é um imbricamento de diferentes formas materiais que não devem ser sobrepostas umas às outras, mas consideradas no entremeio, isto é, na relação das diferenças existentes entre cada uma delas e que produz sentidos e significam na/pela teoria da interpretação. Nessa perspectiva, as

---

formulações ‘intersecção de diferentes materialidades’ e ‘imbricação material significativa’ ressaltam que não se trata de analisarmos uma imagem e a fala e a musicalidade, por exemplo, como acréscimos uma das outras, mas sim de analisarmos as diferentes materialidades significantes uma no entremeio da outra’. (LAGAZZI, 2011, p. 402, grifos da autora).

Para dar conta do imbricamento dos diferentes modos como os sentidos são formulados, sejam eles, verbais, visuais, sonoros, um complementando o outro, Lagazzi (2009; 2011) desenvolve o conceito de materialidade significativa. Com essa formulação, a autora buscou reafirmar a perspectiva materialista, mas também o trabalho simbólico sobre o significativo.

Assumindo que o discurso se constitui na relação entre a língua e a história, propus falar do discurso como *a relação entre a materialidade significativa e a história* para poder concernir o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história. Materialidades prenes de serem significadas. Materialidade que compreendo como *o modo significativa pelo qual o sentido se formula*. (LAGAZZI, 2011, p. 401 grifos da autora).

A compreensão dos efeitos de sentidos que irrompem nos discursos se dá pelo imbricamento dessas materialidades significantes heterogêneas, considerando-se as suas especificidades. É no entremeio dessas materialidades significantes com as suas convergências e divergências que o sentido é produzido.

No “jogo” existente entre texto e imagem, “os sentidos têm que ser buscados na composição entre as imagens e as palavras” (LAGAZZI, 2009, p. 76) e cabe ao analista de discurso buscar esse entrelaçamento, no qual concorrem, juntas, a inconclusão e a incompletude:

Trabalhar a significação a partir de uma perspectiva materialista requer que exponhamos a relação significado/significante às condições de produção, a exponhamos à história, na sua contradição constitutiva. Significa compreender a produção do sentido acontecendo sobre uma base material sempre em condições que determinam essa produção. Portanto, deslocamento e incompletude são constitutivos da perspectiva discursiva. (LAGAZZI, 2011, p. 402).

Assim, para que um discurso produza sentido sob a perspectiva da teoria materialista do discurso, é necessário compreender a sua relação com a exterioridade, ou seja, a sua relação com a história, com as condições de produção

---

nas quais irrompeu e também as diferentes materialidades significantes que o constituem, sem, contudo, conforme assinalado pela autora, deixar de considerar as contradições que o constituem.

Carrozza e Santos (2012) argumentam que os *memes* de *internet* são uma forma de divulgação de conteúdos existentes no espaço digital e as redes sociais são os principais lugares para essa divulgação, porque nelas os sujeitos podem se colocar diante do mundo e interpretá-lo de maneira ágil. Nesse espaço, e quase ao mesmo tempo em que interpretam, os sujeitos devolvem os discursos em/na rede para que outros os (re)signifiquem:

Uma forma de divulgação que apela para as características da rede, aproveitando a velocidade da transmissão de dados, para criar um recorte que permite a textualização do discurso, criando assim uma versão, um gesto de interpretação, afetando o mundo e afetando outros gestos. Esse recorte flutua pelo mundo virtual, afetando todos os usuários que entrarem em contato com ele, permitindo ainda que o leitor ‘apanhe’ enquanto flutua, e crie seu próprio recorte, sua própria versão, alterando-o como desejar, e novamente solte-o para o mundo. (COELHO, 2014, p. 5, grifo do autor).

Segundo Coelho (2014), o que garante a existência e replicação dos *memes* são os gestos de interpretação dos sujeitos, bem como o reconhecimento das condições de produção nas quais irromperam, que não permitem que a identidade original seja afetada. As possíveis alterações que eles sofrem são características do funcionamento desse tipo de texto no espaço digital, pois são elas que garantem que “o *meme* se adapte e continue a ser repostado e compartilhado, garantindo assim seu *status* nesse Darwinismo imagético” (COELHO, 2014, p. 6). Para o autor, para que um *meme* tenha sucesso, é necessário reconhecê-lo em sua essência.

Podemos dizer que a criação de um *meme* é um gesto de interpretação frente à memória metálica, filiado à memória discursiva da chamada cultura dos *memes*. Assim dizendo, a utilização de um determinado *meme* para uma situação específica cria um posicionamento político frente à rede, uma leitura possível de um elemento produzido em série. Os sentidos, através da replicação, se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o *meme* se altera, e se ressignifica. E ao se ressignificar, cria novos gestos de leitura, novas interpretações, que por sua vez geram outras ressignificações. (COELHO, 2014, p. 19).

De acordo com Indursky (2011, p. 68), a repetibilidade atesta que os dizeres pré-existem ao discurso do sujeito e esse efeito de série promove a

---

regularização dos sentidos, por meio de diferentes funcionamentos discursivos de retomada, como implícitos, remissões e efeitos de paráfrase. Contudo, de tanto se repetirem, os sentidos podem se modificar, inaugurando “novas redes discursivas de formulação”, que se reúnem àquelas já existentes, atualizando a memória. Essas novas formulações podem apontar para o mesmo sentido, produzindo a metáfora, que consiste na “transferência”, isto é, na tomada de uma palavra por outra, produzindo o mesmo sentido estabilizado, como ocorre em uma família parafrástica, que funciona como uma matriz de sentido (INDURSKY, 2011, p. 76).

Entretanto, ao fazer retornar um discurso no eixo da formulação, o sujeito pode provocar a quebra dessa regularização, promovendo a ruptura e/ou deslocamento. Isso acontece porque, conforme Pêcheux (2015a, p. 53), “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Nesse processo, as novas formulações alteram os sentidos já estabilizados e inscritos na memória discursiva, provocando a desestabilização nos processos de regularização.

De acordo com Indursky (2011, p. 77),

“[...] se, por um lado, a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração. Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz do sentido.”

É isso que acontece com os *memes*, que circulam rapidamente no espaço digital e que apontam para os mesmos espaços do dizer já estabilizados, produzindo a variedade do mesmo ou fazendo intervir o diferente, deslocando sentidos e inscrevendo o dizer em outras redes de significação.

### 3 WE CAN DO IT!: LUTA E RESISTÊNCIA

Ao fazermos uma busca rápida no *Google*, procurando por *memes* que inscrevem o dizer no domínio do feminismo, encontramos uma variedade muito grande deles e que dão visibilidade às mulheres anônimas, famosas na mídia ou aquelas que fizeram parte da história. Em comum, nesses *memes*, a resistência aos discursos machistas, ainda existentes na sociedade. Dentre esses *memes*, um dos que mais viralizaram foram os ressignificados a partir da propaganda *We can do it!*.

Meme 1



Fonte: Retirado do Google imagens, 2017.

O possível efeito de origem<sup>7</sup> do cartaz e, posteriormente, dos *memes* que irromperam a partir dele teria sido uma fotografia da operária americana Geraldine Doyle<sup>8</sup>, em 1943, aos seus dezessete anos, quando os Estados Unidos da América estavam mergulhados na Segunda Guerra Mundial. Na época, os homens eram recrutados para lutar na guerra, desligando-se de suas atividades cotidianas e as mulheres tinham de trabalhar em atividades para além do lar, a fim de suprir as necessidades econômicas de suas famílias e de seus países, uma vez que a mão de obra trabalhadora ficava escassa.

Conta a história, que a princípio, a foto da operária teria sido usada apenas para dar visibilidade ao trabalho feminino em outras áreas que não a doméstica, mas na década de 80, passou a circular como forma de divulgação do movimento feminista, acrescida da formulação verbal *We can do it!*, traduzida como “Nós podemos fazer isso!”.

Tanto a formulação visual de uma mulher trabalhadora com faixa no cabelo, arregaçando as mangas e mostrando seus bíceps, quanto a formulação verbal *We can do it!* encaminham para efeitos de sentidos relacionados à força e à determinação feminina, rompendo assim, com os discursos sedimentados e

<sup>7</sup> Conforme Indursky (2013, p. 99) quando se refere ao possível efeito de origem do discurso.

<sup>8</sup> Informações disponíveis na Folha UOL, online. <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/853068-operaria-que-inspirou-famoso-cartaz-da-segunda-guerra-morre-nos-eua.shtml>> Acesso em: 15/07/2017.

---

cristalizados na nossa formação social de que a mulher é o “sexo frágil” e segundo os quais, tratar dos afazeres domésticos sendo “do lar” é a principal tarefa que precisa e consegue desenvolver com excelência. Ou seja, o imbricamento entre as diferentes materialidades significantes instaura efeitos de sentidos de que as mulheres são capazes de realizar tarefas desenvolvidas pelos homens com a mesma eficiência.

O *meme* que segue é um exemplo da relação entre processos parafrásticos e polissêmicos. Ele é composto pela formulação visual de duas mulheres que muito bem representam as demais na série norte-americana *Game of Thrones* (Batalha dos Tronos), que circula no Brasil desde de 2010 e possui uma legião de telespectadores.

Conforme Orlandi (2015), todos os discursos se assentam na tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos, forças motrizes que possibilitam aos sujeitos produzirem diferentes formulações do mesmo ou promoverem deslocamentos e rupturas:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2015, p. 34)

Sendo assim, resumidamente, a série é inspirada na Idade Média e permeada por elementos sobrenaturais. As histórias narradas são intrigantes e giram em torno da luta pelo poder, pelo amor, pela glória e pela honra, bem como, pela vida dos habitantes ficcionais dos Sete Reinos constituintes do seu enredo. O objeto mais desejado pelas famílias de maior poderio que formam essa produção televisiva é o chamado “trono de ferro” e por conta dele muitas pessoas foram mortas no decorrer dos episódios e atualmente, na sétima temporada da série, duas belas e fortes mulheres lutam pela conquista do “trono de ferro” e da coroa que lhes darão poder sobre os sete reinos e suas nações.

Neste *meme*, o pré-construído *We can do it!* irrompe novamente no fio do discurso. Conforme Pêcheux (2014, p. 154), é o “[...] pré-construído que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (Pêcheux 1988 [2014], p. 154).

Indursky (2013, p. 100), a partir de Pêcheux, afirma que o pré-construído é um elemento constitutivo do interdiscurso que, como sabemos, é constituído



---

por todas as FDs. Isso significa que, no interdiscurso, o pré-construído não diz respeito a um único sentido, mas a todos aqueles que já lhe foram atribuídos e se encontram deslinearizados no eixo da constituição. Então, de acordo com a autora, para que o “[...] o pré-construído seja dotado de “um” sentido (e não de todos), ele deve passar pelo filtro de uma FD. Só então ele vai tomar um sentido e os demais serão ‘esquecidos’” (INDURSKY, 2013, p. 100).

A personagem da esquerda na imagem é Daenerys Targaryen representada pela atriz Emilia Clarke, conhecida no seriado por ser a rainha quebradora de correntes, a senhora dos sete reinos e a mãe de três dragões poderosos. Ela pretende tomar os outros reinos e é conhecida como quebradora de correntes por não excluir nenhuma classe de pessoas que cruza seu caminho, oferecendo a oportunidade de fazer parte de seu reino a qualquer pessoa independentemente da sua condição social ou sobrenome.

A personagem da direita é representada por Gemma Whelan e se chama Yara Greyjoy, única figura feminina na família Greyjoy e que, por isso, se tornou rainha dessa “casa”. É também a primeira personagem lésbica que compõe o enredo e relaciona-se com diversas mulheres. Sempre carrega consigo muitas armas, principalmente a armadura e a espada, pois uma das suas principais características é a de ser uma boa lutadora, um “bom e forte soldado” que, na maioria das vezes, sai vencedora das suas batalhas.

#### Meme 2



Fonte: Retirado do Google imagens, 2017.

---

Esse *meme*, assim como o anterior, aliando o verbal e o não verbal, faz retornar o pré-construído *We can do it!*, e aponta para efeitos de sentidos sobre a força das mulheres e a luta pela conquista do seu espaço. Elas podem fazer “isso”: tornarem-se rainhas e travar batalhas para proteger seu reino. Por meio do processo parafrástico, isto é, de já-ditos/já-vistos antes e em outros lugares, o *meme* em questão põe em circulação discursos segundo os quais, as mulheres possuem a força necessária para o desenvolvimento de diversas atividades, mais uma vez, rompendo com os discursos sobre a fragilidade, a doçura e a meiguice femininas e que se inscrevem principalmente nas formações discursivas machistas.

Podemos dizer que neste *meme*, a polissemia se dá pela tentativa de produzir o novo, que nesse caso, é a utilização de outras formulações visuais para representar a luta e a força femininas, trazendo personagens que estão repercutindo na mídia televisiva. Porém, o sentido desemboca para o mesmo de antes, pois o que se pretende é defender que a mulher é tão forte e capaz quanto o homem. Essa força e capacidade está vinculada ao uso de outras formulações visuais, pois no rosto da primeira mulher, Daenerys Targaryen, temos a mulher heterossexual, que tem seus homens e seus dragões, que é sedutora e utiliza de sua inteligência e perspicácia para atingir seus objetivos. A segunda mulher, Yara Greyjoy, é de orientação homossexual, líder de homens e além de utilizar a força nas batalhas que trava, também utiliza da inteligência para comandar seus soldados.

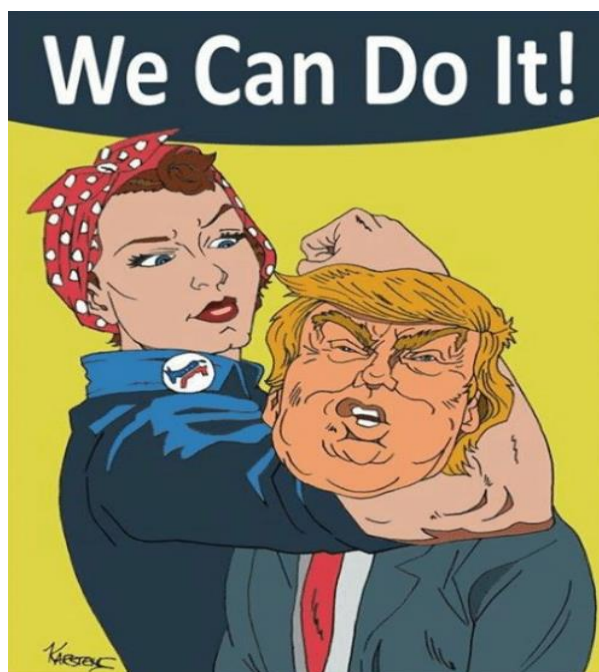
Sendo assim, o sentido que irrompe desse *meme*, vai além da capacidade e da força das mulheres na tentativa de equiparação aos homens, no que diz respeito à força física, e desemboca para sentidos voltados à orientação sexual, à perspicácia, à inteligência e à sedução como um atrativo e instrumento de luta.

No próximo *meme*, demonstramos novamente a tensão entre a paráfrase e a polissemia, que se dá por meio do imbricamento da formulação verbal e da formulação visual. A mesma formulação visual da mulher americana trabalhadora retorna no fio do discurso, que demonstra sua força, estrangulando o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, eleito em 2016, após disputar o cargo com Hillary Clinton.

O *meme* somente significa porque, no período das eleições, Trump proferiu discursos extremamente machistas, muitas das vezes, humilhando mulheres por algumas de suas características físicas, como o excesso de peso e enfatizando que Hilary Clinton não seria capaz de governar um país, por ser mulher. É importante

observar que nas formulações visuais o rosto feminino ressoa a raiva, pela curvatura das sobrancelhas e a expressão no olhar da mulher da imagem, enquanto o rosto do presidente sinaliza para a sujeição e impossibilidade de reação.

*Meme 3*



Fonte: Retirada do *Google imagens*, 2017.

O efeito de sentido produzido é o de humor e ironia, próprio dos *memes* e que contribuíram para que eles viralizassem e fossem replicados em grande escala no espaço digital. Há a repetição do mesmo e, novamente, ressoa, no fio do discurso, pelo funcionamento da memória discursiva, discursos que apontam para a força feminina, na medida em que a mulher “combate”, com as mãos, o machismo que irrompe nos discursos proferidos por Trump na mídia.

O deslocamento de sentido produzido por esse *meme*, em relação ao anterior, deriva da imbricação das formulações visual e verbal, pois como se sabe, historicamente, tanto a força física como o poder político são designações atribuídas ao sexo masculino. No entanto, quem imobiliza/contém e detém o “poder” sobre Trump é uma mulher, desconstruindo os discursos cristalizados sobre a suposta fragilidade feminina e sobre a impossibilidade de uma mulher usar de seu poder político e ser a presidenta de um país.

Para compreender o *meme* em questão, é necessário, ainda, relacioná-lo à exterioridade e considerar o importante momento político dos Estados Unidos, que elegeu um presidente polêmico e que, atualmente, detém um dos menores

---

índices de aprovação popular da história do país. Se por um lado demonstrou uma certa reprovação por parte da população, por outro aumentou as forças conservadoras na sociedade norte americana e também dos sujeitos que se identificam com os discursos proferidos por Trump.

Isso implica dizer que o discurso de ódio produzido pelo presidente dos Estados Unidos dificulta, ainda mais, a luta pela igualdade de gênero, pelas diferentes construções familiares existentes atualmente, na sociedade, pela luta contra o machismo que, na maioria das vezes, tira a vida de muitas mulheres inocentes, enfim, pelo direito de ir e vir das mulheres e de fazer valer sua “voz” numa sociedade dita machista e opressora.

Mais uma vez, o já dito *We cant do it!* ou “Nós podemos fazer isso!” e a formulação visual da operária americana retornam no espaço digital, atualizando discursos sobre a força feminina, inclusive física, confrontando os discursos estabilizados e, segundo os quais, as mulheres são frágeis e não tem voz no campo da política, considerado um espaço essencialmente masculino.

Há então, nos *memes* aqui recortados, o movimento contínuo entre paráfrase e polissemia, que permite observar a repetição e o deslizamento dos sentidos. Por meio do humor, os *memes* combatem os discursos machistas e atestam a capacidade de representatividade e inserção da mulher na política e nas demais tarefas desenvolvidas ao longo dos anos, somente por homens.

No processo de produção de sentidos, não há como traçar os limites entre o mesmo e o diferente, ou seja, os discursos se constituem na tensão entre a paráfrase e polissemia, processos que caminham juntos e que significam os sujeitos e a linguagem na sua relação com o movimento do simbólico e da história. Para Orlandi (2015, p. 36):

Daí decorre a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

Por meio dos movimentos entre paráfrase e polissemia é possível compreender como o linguístico e o político se inter-relacionam e como os sujeitos, por meio da repetição e daquilo que se eternaliza, estão sempre à

---

procura do “novo”, do “diferente” num espaço em que o jogo entre as relações de poder é dominante.

Nessa mesma perspectiva, podemos afirmar que os *memes* são regidos pelos processos parafrásticos e, logo, pela produtividade, própria do espaço digital e do funcionamento da memória metálica, pois eles se repetem e se multiplicam, nesse espaço, com pequenas variações. Contudo, quando são “pinçados”, ou nos termos da AD, retomados e ressignificados por meio de processos polissêmicos e postos novamente em circulação atestam a criatividade, que “[...] implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes” (ORLANDI, 2015, p. 37).

A replicação desses *memes* no espaço digital encaminha para sentidos de que os homens têm mais voz e espaço na sociedade, mas que, por meio da luta, as mulheres vêm conquistando seu espaço e direitos, rompendo com discursos proferidos que se inscrevem em formações discursivas machistas. *Mememes* que fazem circular discursos polêmicos como esse servem como um artifício pelo qual o sujeito-mulher faz valer sua “voz”, encaminhando para a resistência e para a luta feminina na conquista de seus espaços.

## EFEITO DE FECHAMENTO

Os *mememes*, portanto, por meio de suas principais características, humor e ironia, repercutem muito no espaço digital, seja nas redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, seja nos *sites* de buscas e pesquisas como o *Google*, por exemplo, que é o mais conhecido e utilizado pelos sujeitos-internautas.

Após as análises, asseveramos que essa movimentação dos sentidos na/em rede somente é possível, porque ao replicar/ressignificar um *meme*, devolvendo-o novamente ao espaço digital, o sujeito aciona a memória metálica, compreendida por Orlandi (2006), como a memória da máquina, própria das tecnologias digitais. Trata-se, conforme vimos mencionando, de uma memória que não historiciza, mas apenas acumula/soma, filiando o dizer/ver nas mesmas redes de sentidos. Contudo, não há como negar que o sujeito, durante o seu gesto de interpretação, também mobiliza a memória discursiva, lacunar e sujeita ao equívoco e a falhas, e que permite que os discursos retornem atualizados, no fio do discurso.

---

Dizendo de outro modo e, de acordo com o que constatamos durante nosso gesto analítico, a memória metálica e a memória discursiva funcionam juntas no processo de produção dos *memes*, pois, se de um lado, a formulação-origem *We can do it!* foi repetida/replicada, com poucas variações nos *memes* analisados, por outro, ao imbricar-se com formulações visuais diversas, produziu deslizamentos, mobilizando outros efeitos de sentidos, que não os já sedimentos na nossa formação social. Desse modo, destacamos a importância do imbricamento das diferentes materialidades significantes no processo de produção de sentidos dos *memes*, pois eles não seriam os mesmos se as formulações verbais e visuais fossem apartadas umas das outras.

Ainda do nosso ponto de vista, essa relação entre memória metálica e memória discursiva é a mesma que se estabelece entre os processos parafrásticos e polissêmicos, forças sob as quais se assenta todo dizer, pois houve a repetição, mas houve também a inscrição dos dizeres em outras redes de sentidos, provocando uma quebra da regularização do pré-construído sobre a mulher e abrindo espaço para que outros sentidos sobre ela irrompessem, no fio do discurso.

Discursivamente, os deslocamentos de sentidos só acontecem porque nem sujeitos nem sentidos estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo ressignificados numa constante movimentação, em que pese o trabalho da história e da memória. Além disso, a língua não funciona como um sistema fechado sobre si mesmo, mas está sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas. Ela interpela os indivíduos em sujeitos e é assim que a língua faz sentido.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos. Da repetição ao deslocamento: uma análise do funcionamento dos memes. In: FERREIRA, Ana Cláudia; MARTINS, Ronaldo Teixeira (Orgs). *Linguagem e tecnologia*. Campinas: Editora RG, 2012. p. 95-108.

COELHO, André Luis Portes Ferreira. *“Brace yourselves, memes are coming”*: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Campinas, 2014.

COSTA MOURA, F. Proliferação das #hashtags: lógica da ciências, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Revista Ágora*. Rio de Janeiro, n° especial, p. 141-



---

158, agosto de 2014. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982014000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300012)>  
Acesso em: 10/06/2017.

COURTINE, J. J. *Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: Edufscar, 2009.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Tradução Geraldo H. M. Florsheim, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

DIAS, Cristiane. *Da corpografia: ensaio sobre a língua escrita/escrita na materialidade digital*. Santa Maria, UFSM: Programa de Pós-Graduação em Letras. v. 7, 2008.

\_\_\_\_\_. *E-Urbano: a forma material no eletrônico no urbano*. In DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online]. LABEURB/NUDECRI, UNICAMP: Campinas, 2011a. p. 12-24.

\_\_\_\_\_. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In: RODRIGUES, Eduardo Alves et al. (orgs). *Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: Editora RG, 2011b. p. 259-272.

GOOGLE. *Google imagens*. 2017. Disponível em: <  
[https://www.google.com.br/search?q=we+can+do+it&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7p9j3ve7VAhXEkZAKHXJGDu0Q\\_AUICigB&biw=1517&bih=654#imgrc=Vr3Nx-79N-VDYM](https://www.google.com.br/search?q=we+can+do+it&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7p9j3ve7VAhXEkZAKHXJGDu0Q_AUICigB&biw=1517&bih=654#imgrc=Vr3Nx-79N-VDYM)> Acessado em: 15/05/2017.

GOOGLE. *Google imagens*. 2017. Disponível em <  
[GOOGLE. \*Google imagens\*. 2017. Disponível em: <  
\[https://www.google.com.br/search?q=memes+sobre+we+can+do+it!&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi929vq7VAhWIFZAKHXxcDBYQ\\\_AUICigB&biw=1517&bih=654#imgrc=DcQj\\\_8JzKl3HFM\]\(https://www.google.com.br/search?q=memes+sobre+we+can+do+it!&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi929vq7VAhWIFZAKHXxcDBYQ\_AUICigB&biw=1517&bih=654#imgrc=DcQj\_8JzKl3HFM\)> Acessado em: 15/07/2017.](https://www.google.com.br/search?q=memes+sobre+we+can+do+it!&tbm=isch&tbs=ri mg:CQ3EI_1_1CypdIjiCjFXHRQOfX0GvcEmT5NMacdTdcVTq3MFsZeOuCTSTPIe7C7Wyo_1DpoQpVszhni8ZjniJ07IytyoSCYJcVcdFA59fEepn05zTXNWhKhIJQa9wSZPk0xoRcKgw3BgcEVgqEglx1N0JVOrcwRGR96CjDROZiSoSCWzN464JNJP4EWJVGHh1D >Acessado em: 10/07/2017.</a></p></div><div data-bbox=)

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKI, Freda et al. (orgs). *O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 67-78.

\_\_\_\_\_. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, Eduardo Alves et al. (orgs). *Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.

MEMÓRIA METÁLICA. Cristiane Dias. *Enciclopédia virtual da Análise do Discurso e áreas afins. Brasil: 2016*. Campinas: UffTUBE. 2016. [vídeo]. (312 minutos). Disponível em:

---

<<http://ufftube.uff.br/video/ADGOD4HW8KHO/Memória-Metálica--Cristiane-Dias>>  
Acesso em: 20/08/2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Efeitos do verbal sobre o não verbal*. Revista Rua, Campinas: Editora Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cidade atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Editora Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Editora Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan. /dez. 2006.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Editora Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA [online]*. Campinas, n.º. 16. p. 6-17, Ago./Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>> Acesso em: 15/05/2017.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 16 de outubro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 23 de janeiro de 2018.